

### 3

## Apontamentos sobre o mito

O mito do Minotauro funciona em uma lógica de jogos de espelhos e reflexos.

Junito de Souza Brandão escreve, no primeiro volume de *Mitologia Grega*, sobre o simbolismo das estruturas presentes no mito do Minotauro: em termos religiosos cretenses, o Labirinto seria o útero; Teseu, o feto; o fio de Ariadne, o cordão umbilical, que permite a saída para a luz (BRANDÃO, 2001).

E anota também sobre o Touro:

Os sacrifícios sangrentos de bois, cabras, ovelhas e porcos se faziam ao ar livre. O Touro possuía uma peculiaridade: normalmente era sacrificado apenas em efígie, mercê de sua alta sacralidade. Num sarcófago dos séculos ~ XIII-XII, exumado em Hágua Tríada, vê-se um Touro preso a uma mesa, enquanto seu sangue escorre num vaso (BRANDÃO, 2001, p. 56).

Como todos os mitos que derivam de uma tradição oral, passando de geração para geração através de narrativas imprecisas e fragmentárias, o que conhecemos do mito do Minotauro são interpretações, traduções de fragmentos através dos quais, juntando conhecimento acerca da religião, cultura e organização social da época, costura-se uma narrativa completa e coerente.

Partimos desse lugar.

Junito Brandão, nas poucas menções ao Minotauro, o trata como uma fera monstruosa em primeira abordagem; em seguida aborda a interpretação psicológica do mito, na qual o Labirinto é o inconsciente tortuoso de Minos e o

Minotauro é a perversão, junto com Pasífae, que se encontra nas raízes da perversão.

Em um breve resumo, o mito conta como Minos chega ao poder em Creta e como perde sua hegemonia sobre Atenas. Minos e seus dois irmãos disputam o trono de Creta, e Minos afirma que Creta lhe pertence por vontade dos deuses e que estes concederiam qualquer coisa que ele pedisse. Um dia sacrificando a Posêidon, Minos solicita que o deus faça surgir um Touro do mar, e que esse Touro seria sacrificado ao deus. O Touro surge, Minos se torna Rei de Creta, mas não sacrifica o animal, fascinado pela beleza do Touro e querendo conservar a raça.

Posêidon, então, vingativo, faz surgir em Pasífae – mulher de Minos, Rainha de Creta – uma paixão avassaladora pelo Touro, desejo que Pasífae não consegue controlar. É muito importante ter em mente que Pasífae é filha do deus Hélio, o Sol; esse dado é essencial para as figurações do Touro como espécie de monstro solar; e como o Minotauro é monstruosidade da ordem da luz; e ainda as associações entre Sol e Loucura, anotadas por Bataille em estudos sobre Van Gogh, o sol negro, a mutilação. Mais a frente, em Borges e Cortázar, nota-se também a constante presença do sol (cruel), como se jamais se pusesse, produzindo sombras terríveis no Labirinto. A relação de Pasífae com o Touro, a paixão, é da ordem da loucura.

Para realizar esse desejo, Pasífae pede a Dédalo – espécie de arquiteto real – que produza um artifício para que ela possa se juntar ao Touro Sagrado. Brandão escreve:

Sem saber como entregar-se ao animal, Pasífae recorreu às artes de Dédalo, que fabricou uma novilha de bronze tão perfeita, que conseguiu enganar o animal. A rainha colocou-se dentro do simulacro e concebeu do touro um ser monstruoso, metade homem, metade touro, o Minotauro (BRANDÃO, 2001, p. 61).

Essa é a gênese mitológica do nosso objeto, também conhecido como Asterión, neto de Hélio, gerado através de um artifício e fruto de um desejo de vingança.

Atenas e Creta travavam, durante algum tempo, uma terrível guerra, iniciada por causa da morte de Androgeu, filho de Minos. Atenas está assolada pela fúria de Minos e uma peste (pedido de Minos a Zeus); quase derrotada, Atenas pede a Minos que se retire, e Minos concorda mediante um pagamento – um tributo: de nove em nove anos, Atenas envia quatorze jovens – sete homens e sete mulheres – para servirem de pasto para o monstruoso Minotauro, que se alimenta de carne humana; pasto e sacrifício.

Atenas concorda e Minos se retira.

Na terceira vez que o pagamento humano seria efetuado, Teseu, príncipe de Atenas, se prontifica a ir junto com as vítimas e derrotar o Minotauro. Minos havia estabelecido, anteriormente, que aquele que derrotasse o Minotauro e saísse do Labirinto, voltaria livre à sua pátria.

Teseu chega a Creta.

Ariadne, filha de Minos e Pasífae – se apaixona por ele e, mais uma vez, através de Dédalo – repetindo os gestos da mãe – elabora uma forma de Teseu sair do Labirinto. Ariadne, sendo meia-irmã do monstro, instrui Teseu como se aproximar do monstro e matá-lo; e ainda lhe entrega um fio, um novelo, para que ele possa achar a saída do tortuoso Labirinto.

Teseu vence o Minotauro e liberta Atenas da tirania de Minos; deixa a ilha com Ariadne e a abandona durante o retorno.

Ariadne, isolada em uma ilha, é visitada por Dionísio; o deus se apaixona por Ariadne e vive com ela até sua morte.

Em Creta, Minos, furioso com Dédalo – é através de Dédalo que sua mulher é possuída pelo Touro e que Teseu vence o Minotauro – prende o arquiteto e seu filho, Ícaro, no Labirinto.

Dédalo encontra a saída do Labirinto: fabrica para si e para o filho asas artificiais, com cera de abelha e penas; os dois voam para fugir, mas Ícaro não resiste ao impulso de chegar ao céu e sobe alto demais; o sol derrete a cera e Ícaro

cai no mar Egeu que, de acordo com Junito Brandão, passa a se chamar Mar de Ícaro.

Cada figura no mito simboliza algo de muito específico. O mais importante e essencial é o Labirinto como uma espécie de estado psíquico de Minos, a dominação perversa do Rei tirano de Creta. O mito que envolve Minos está diretamente ligado ao Touro. Minos é filho de Zeus e Europa (seqüestrada por Zeus sob a forma de um Touro), ou seja, Minos também carrega em seu sangue algo da ordem do Touro Sagrado, da potência e da força do animal.

*Minotauro*, etimologicamente, significa *Touro de Minos*. A monstrosidade do Minotauro se estaelece em várias dimensões: é o fruto de uma relação improvável e de uma traição, relações que não envolvem seres comuns e sim a filha de um deus e um touro sagrado. O monstruoso está também na corporificação final e contundente das tramas que envolvem a figura do Touro: o Minotauro é o centro do Labirinto, da perversidade de Minos, sua raiz encontra-se em Pasífae e no Touro; o Minotauro é a perversidade em si, o que há de mais monstruoso no Homem: a mulher e o animal.